

## **Discurso de Abertura do Ano Académico**

**12 de Novembro de 2008**

Minhas senhoras e Meus senhores,

Muito obrigado pela vossa presença. Permitam-me que não nomeie todas as individualidades que aceitaram estar connosco neste dia maior da Universidade. Não posso, todavia, deixar de dirigir alguns agradecimentos colectivos.

- Aos Presidentes do Tribunal Constitucional e do Supremo Tribunal de Justiça, ao Vice-Presidente do Supremo Tribunal Administrativo, ao Vice-Procurador Geral da República e demais representantes dos Supremos Tribunais;
- Aos Chefes e representantes dos Estados Maiores do Exército, da Armada e da Força Aérea, da Guarda Nacional Republicana e da Direcção da PSP;
- Aos senhores Embaixadores e membros do corpo diplomático;
- Aos Reitores de outras Universidades (da Universidade Técnica de Lisboa, dos Açores, da Universidade Católica Portuguesa), aos vice-reitores de diversas Universidades, aos Presidentes e Vice-Presidentes dos Institutos Politécnicos (de Lisboa, de Santarém, de Tomar...), ao Comandante da Academia Militar e representantes das restantes Academias, aos Presidentes de muitas Escolas Superiores e aos colegas de outras instituições;
- Aos bastonários e representantes das ordens profissionais e dos sindicatos;
- Aos Presidentes da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de História;
- À Sr<sup>a</sup> Inspectora-Geral do Ensino Superior e representantes de entidades ministeriais;
- Aos representantes das Câmaras Municipais;

- A todas as personalidades presentes (das fundações, dos bancos, das empresas, dos institutos públicos, dos organismos da cultura);
- A todos os professores e administradores de outras Universidades e aos membros da nossa Universidade, docentes, investigadores, estudantes e pessoal não docente.

**A todos, minhas senhoras e meus senhores, muito obrigado pela vossa presença.**

Uma palavra especial para o Prof. Jorge Miranda que aceitou proferir uma oração de sapiência dedicada ao tema *Constituição e Universidade*, recordando aqui, com orgulho, a Jornada de Homenagem que recentemente lhe foi dedicada em Brasília, nos 20 anos da Constituição Brasileira de 1988.

O meu reconhecimento pelas palavras do Dr. Duarte Nuno Lopes e do Paulo Pinheiro, pelo sentido justo que revelam, pela compreensão exacta do momento que atravessamos e pelo apoio que sempre têm revelado à causa da Universidade.

## **1. Vida Nova**

A Universidade inicia hoje uma vida nova. Após um ano e meio de processos eleitorais e estatutários, estão constituídos os novos órgãos de governo, faltando apenas concluir os estatutos das Faculdades.

Simbolicamente, abrimos a cerimónia com a apresentação dos membros do Conselho Geral agora eleito. Recai sobre eles – e sobre todos nós – a responsabilidade de pensar com ousadia e vistas largas a Universidade. Recai sobre eles – e sobre todos nós – o compromisso de concretizar uma nova ambição para a Universidade de Lisboa.

Nestes tempos de incerteza, quando interesses ilegítimos tomam conta das nossas sociedades, e as conduzem para uma crise financeira de consequências ainda imprevisíveis, pede-se à Universidade que seja uma instituição sólida, credível, que seja o lugar do pensamento crítico, dessa liberdade incondicional sem a qual não há presente, nem futuro.

Recusemos fechar-nos na miopia do imediatamente mensurável, nessa “burocracia inimaginável” (José Gil) de regulamentações, de controladores, de auditorias, de inspeções e de outras coisas mais, dessa burocracia que não é mera rotina administrativa, mas que se transformou em modo de governo.

Ironia do destino: a “nova gestão pública” e o anúncio de um Estado pós-burocrático têm mergulhado as instituições numa interminável burocracia de que não conseguimos libertar-nos

Sejamos claros. As universidades <sup>portuguesas</sup> têm sido escrutinadas à lupa, exigindo-se-lhes que justifiquem cada cêntimo das suas despesas, mesmo quando não se conhece, em 34 anos de democracia e de autonomia, <sup>uma única</sup> situação de ilícito criminal ou de apropriação indevida de dinheiros públicos. Curiosamente, vão-se desculpando os milhões e milhões que por aí se têm desbaratado, com a complacência dos mesmos que tão críticos se revelam para as universidades.

✓ Elogia-se o prestígio da Universidade como grande instituição do passado e como referência do futuro. Mas é como se só tivéssemos *passado* e *futuro*, como se o nosso *presente* fosse de tal maneira posto em causa, de tal maneira controlado e asfixiado, que nada mais nos restasse a não ser a pura sobrevivência.

Sem universidades fortes, credíveis e inovadoras Portugal não tem futuro. Tenho dirigido toda a minha acção como Reitor no sentido da mudança e da defesa da autonomia de uma instituição que é um dos valores mais seguros das sociedades contemporâneas.

## 2. Massa Crítica 2

À entrada foi distribuída a *Massa Crítica 2*, exercício de prestação de contas da Universidade. Aqui se referem alguns números que revelam o reforço das estruturas de ciência e, em particular, o recrutamento de quase cem investigadores através de concursos internacionais, o aumento dos estudantes e programas de pós-graduação e a internacionalização crescente da Universidade de Lisboa.

Damos conta, também, de um importante Memorando de Entendimento entre as três universidades públicas de Lisboa. É preciso transformar Lisboa numa cidade

universitária de nível internacional, numa Cidade Erasmus. Portugal precisa de uma Universidade que se situe entre as melhores da Europa. E para isso é necessário um esforço conjunto, que supere os nossos habituais atavismos e paroquialismos.

E o que fizemos, fizemo-lo num período de inacreditáveis cortes orçamentais. Pelo quarto ano consecutivo, o Governo aumenta o orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e pelo quarto ano consecutivo este é distribuído de forma a favorecer a Ciência e a prejudicar as Universidades. Como se a formação de base dos portugueses fosse um tema menor. Como se fosse possível fazer germinar, em instituições depauperadas, focos de excelência científica.

O Governo que nos dá dinheiro – e bem – para contratar, num único ano, quase 100 investigadores doutorados para a “Ciência” é o mesmo Governo que nos impede de recrutar um único professor para o “Ensino”, que nos impede de renovar um corpo docente cada vez mais envelhecido.

O nosso secular afastamento da cultura científica obriga-nos a investir na ciência e na tecnologia. Claro que sim. E a Universidade de Lisboa está na primeira linha deste esforço. Mas é um erro descuidar a educação universitária, as aprendizagens que definem uma vida, esse período único, decisivo, na formação de cada um dos nossos estudantes. *(portugueses)*

Portugal tem de decidir, de uma vez por todas, se quer ou não quer ter grandes Universidades, se quer ou não quer ter instituições de referência no Espaço Europeu do Ensino Superior. Ou se prefere, como sempre aconteceu no passado, ter umas instituições remediadas, sofríveis, mais parecidas com “escolas secundárias” do que com as Universidades do conhecimento e da ciência que nos habituámos a admirar por esse mundo fora.

O que depende de nós tem sido feito. Mas há muito que não depende de nós, mas sim das opções políticas que a sociedade portuguesa tomar quanto ao seu presente e ao seu futuro.

### 3. As universidades não se auto-reformam

“As universidades não se auto-reformam”. A frase de Miller Guerra (1970) ecoa ainda hoje, e merece ponderação, não tanto pela evidência, mas sobretudo pelo modo como tem sido politicamente utilizada.

Desde 1970, quem tem ido buscar esta frase aos arquivos? A resposta é fácil. Foram sempre os governantes que, perante o fracasso das suas reformas, procuraram nela o conforto, para não dizer a desculpa, para os seus insucessos. E também o pretexto para uma inaceitável ingerência na vida interna das instituições.

A história repete-se uma vez mais, agora que todos reconhecem a inutilidade de uma reforma orgânica e burocrática que não mudou nada do que era fundamental mudar. Não gosto de me repetir, mas tenho de o fazer pelo terceiro ano consecutivo: é urgente reorganizar a rede do ensino superior; é urgente alterar o Estatuto da Carreira Docente Universitária; é urgente repensar o modelo de financiamento do ensino superior. Sobre isto nada se fez em quatro anos de Governo.

Miller Guerra tinha avisado: as universidades não se auto-reformam, mas também não se reformam por injunção alheia. Em devido tempo, alertei contra as leis que interrompem as mudanças. O sucesso de uma reforma depende da maneira como recolhe o apoio das energias mais dinâmicas. Hoje, torna-se claro que não há inovação sem confiança nas instituições e nas suas pessoas mais criativas e talentosas.

A estratégia da arrogância e do medo, do controlo e da ameaça, até poderá ter sucesso a curto prazo, infelizmente, mas destruirá por muitos anos as forças vivas que existem nas universidades.

~~A *Massa Crítica* deste ano é dedicada, fundamentalmente, ao programa estratégico da Universidade de Lisboa.~~ Temos orgulho no que fizemos até agora. Sim, as universidades são capazes de promover dinâmicas de inovação e têm-no demonstrado. Mas não é por adiantarmos os relógios que o futuro chega mais cedo (R. Koselleck). Não basta a mudança como intenção. É necessária a mudança como prática. É necessário que a mudança tenha condições efectivas para se impor.

#### 4. A força da mudança

Eis o que me conduz ao último ponto da minha intervenção, regressando à vida nova.

Estou a meio do mandato de quatro anos para o qual fui eleito, em 2006. O Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior estabelece que os reitores podem completar os seus mandatos. É normal que assim seja, pois a lei deve respeitar a legitimidade de uma eleição que teve a participação de toda a comunidade universitária.

Mas o Regime Jurídico contempla também a possibilidade de interrupção do mandato, no prazo de cinco dias após a constituição dos conselhos gerais.

É o que farei, com toda a serenidade. Parece-me uma decisão natural, aquela que melhor serve o interesse da Universidade. E este é o único critério que deve ser tido em conta.

Ninguém compreenderia que tudo mudasse na orgânica da Universidade, dos Estatutos até à direcção das Faculdades, e que o Reitor se mantivesse no seu lugar, escudando-se numa norma legal que lhe permite completar o seu mandato.

A Universidade ~~terá~~ <sup>te</sup> de aprender a viver com um novo modelo de governo, estabelecendo com nitidez as fronteiras e os limites da actuação do Conselho Geral e do Reitor. Seria errado, na minha opinião, que o Conselho Geral ficasse impedido de exercer, desde já, a sua principal competência, isto é, organizar o procedimento de eleição e eleger o Reitor.

O motivo principal da minha decisão é o interesse futuro da Universidade. Os próximos quatro anos serão de enorme exigência para a concretização do plano estratégico que colectivamente desenhámos. Passar este plano do *papel* à *realidade* vai exigir muita energia e determinação. O Reitor precisa de ter uma legitimidade sem mácula, precisa que o seu plano de acção seja claramente aprovado e apoiado pelo Conselho Geral, precisa da confiança inequívoca da comunidade universitária, e da força que lhe advém desta confiança.

Peço-vos que encarem a minha decisão com naturalidade. Vida nova, uma nova vida para a Universidade.

E num dia assim, não me levarão a mal que deixe alguns agradecimentos:

- à equipa reitoral, a todos os vice-reitores e pró-reitores, que revelaram uma extraordinária dedicação à Universidade;
- à Dr.<sup>a</sup> Luísa Cerdeira, Administradora de méritos excepcionais, saudando nela o esforço de todo o pessoal não docente;
- aos presidentes dos conselhos directivos e científicos das Faculdades, que conosco viveram tempos difíceis, e a todos os professores e investigadores que souberam pôr os interesses da Universidade acima de quaisquer outros;
- aos estudantes, em particular aos dirigentes associativos, que, na diversidade das suas posições, têm defendido a Universidade e a sua autonomia;
- uma palavra muito especial ao Dr. Jorge Sampaio e, através dele, às personalidades externas que, no Conselho Consultivo e na Assembleia Estatutária, deram um exemplo de compromisso desinteressado com a causa universitária;
- e, por último, quatro nomes, com o risco que todas as escolhas comportam, mas na certeza de que cada um dos colegas, como no conto de Vitorino Nemésio, se sentirá “distinto” no percurso destes universitários. Refiro-me ao Prof. João Lobo Antunes (cabeça da lista de professores e investigadores ao Conselho Geral) e ao Prof. Manuel Villaverde Cabral (mandatário), que deram corpo a um anseio colectivo de mudança; ao Prof. José Barata Moura, notável como Reitor e depois de o ser, que tem a palavra certa nos momentos em que nada parece fazer sentido; ao Prof. João Sousa Lopes que, apesar de jubilado, está sempre presente quando a Universidade dele precisa.

Claro que continuarei à frente da Universidade, neste período de transição, assegurando sem qualquer *capitis diminutio* o exercício do cargo reitoral e procurando concretizar as orientações que, em conjunto, definimos.

E claro que apresentarei a minha candidatura para um novo mandato de quatro anos. Devo este gesto e esta disponibilidade à *minha* Universidade, à *nossa* Universidade. O Conselho Geral decidirá quem é o melhor candidato para servir os interesses da Universidade de Lisboa. E este é – insisto – o único critério que deve ser tido em conta.

\* \* \* \* \*

O ano passado terminei com o Padre António Vieira, e com ele tenho convivido neste quarto centenário do seu nascimento: “Cada um é filho do que faz e não é outra coisa”.

Permitam-me que conclua, este ano, com Darwin quando se aproxima o segundo centenário do seu nascimento. Faço-o recorrendo às palavras do Prof. António Coutinho na sessão em que lhe foi atribuído o Prémio Universidade de Lisboa Santander Totta: em Biologia, aprendemos que todas as grandes transições evolutivas foram de natureza cooperativa e derivaram sempre da integração e da interdependência das diferenças.

Deixem-nos ser diferentes, no exercício da nossa liberdade e da nossa responsabilidade. Não nos imponham soluções uniformizadoras, burocratizantes. A Universidade é o lugar da cooperação e da diferença, da tolerância e da reflexão científica, é o lugar do pensamento crítico, de novas maneiras de pensar que tanta falta fazem às sociedades actuais.

A Universidade tem muito a dar ao país. Mas para isso precisamos que o país em nós confie, que o país compreenda, e apoie, as energias de mudança que em nós existem.

António Sampaio da Nóvoa  
Reitor